

CONSCIÊNCIA, DIALOGICIDADE E FORMAÇÃO HUMANA: CONSTRUINDO SABERES PARCEIROS COM DISCENTES DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)¹

Adriana Melo de Farias

Introdução

Este artigo tem como objetivo sistematizar as reflexões realizadas pelos discentes da disciplina “Dialogicidade e Formação Humana” no curso de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), acerca do tema gerador “Consciência, Dialogicidade e Formação Humana em Paulo Freire.”

Tais reflexões ocorreram na disciplina de “Dialogicidade e Formação Humana,” facilitada em 2009.2, pelo professor doutor João Figueiredo, e contou com a participação de 15 alunos – mes-trandos e doutorandos – da Faculdade de Educação (FACED-UFC) que, conjuntamente, construíram uma proposta teórico-metodológica de facilitação dos encontros da disciplina realizados nas terças-feiras, à tarde, na Universidade Federal do Ceará.

Inicialmente foi decidido pelos discentes que o foco de discussão da disciplina versaria sobre o estudo das obras de Paulo Freire, haja vista a importância de suas ideias para a Educação como prática de um exercício não apenas de letramento mas, principalmente, de opção por uma formação humana sociopolítica e emancipatória dos oprimidos.

Nesse sentido, seguindo a vertente do pensamento freireano, optou-se também por um percurso metodológico inspirado nos Círculos de Cultura² com o intuito dos discentes da disciplina vivenciarem uma práxis educativa voltada para o processo de conscientização e de formação de saberes parceiros

¹ Este artigo foi elaborado para apresentação na disciplina de “Dialogicidade e Formação Humana em Paulo Freire” ministrada pelo professor doutor João Batista de Albuquerque Figueiredo no Mestrado em *Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará* (UFC) no semestre de 2009.2.

² Círculo de Cultura se constitui em um grupo de trabalho que prima pela reflexão e debate. Seu intuito maior é a relação dialógica mediada pela linguagem num contexto de uma prática social livre e crítica (FREIRE, 1996).

Definidos, assim, os temas e o percurso metodológico-formativo de trabalho na disciplina, o grupo de discentes propôs que as apresentações dos temas geradores fossem articuladas, tanto no âmbito teórico quanto prático, a proposta freireana de educação. Para isto, cada grupo tinha a liberdade de planejar e facilitar os encontros da disciplina para que os alunos pudessem experienciar uma proposta de ensino/aprendizagem, contrária ao ensino tradicionalista, bancário, verticalizado e excludente.

Este grupo foi denominado de “Grupo-Aprendente” cuja terminologia é empregada em estudos de cunho engajado (FIGUEIREDO, 2007) e se adequa às reflexões propostas por Paulo Freire (1980), quando destaca sua visão de homem; como ser social, inconcluso e portador de uma tendência a autorrealização (SER MAIS); sua forma de conceber o processo de ensino-aprendizagem, como meio de aquisição de conhecimento, conscientização de sua práxis social e, principalmente, de uma compreensão de que a relação homem-meio deve voltar-se para a autonomia e criticidade dos aprendentes. Assim sendo, é que o tema “Consciência, Dialogicidade e Formação Humana” se faz pertinente nas discussões formativas dos discentes de um curso de pós-graduação em Educação Brasileira e que busca uma práxis educativa de transformação social.

Pensando, então, nestas reflexões iniciais, primeiramente, foi realizado com o grupo um momento de acolhida e de descontração para que cada membro pudesse desfocar a atenção de sua ação executada antes de chegar ao encontro, buscando mergulhar no novo ambiente de reflexão proposta pelas palavras-geradoras.

Para tanto, foi apresentada ao grupo uma sequência de imagens cognitivo-perceptivas, em média 12 figuras, que estimulam os processos mentais, favorecendo o despertar da atenção, da concentração e da percepção viso-cognoscitivo das imagens.

Este momento inicial do encontro é uma forma de descontração para os participantes que se sentem motivados a desvendar os mistérios, contidos nas imagens, o que provoca a busca autônoma e, ao mesmo tempo, compartilhada de compreensão e de interpretação dos mesmos. Após este momento, os facilitadores colocaram à disposição do grupo diversas gravuras, em média 18 gravuras, que representavam as situações-limites vivenciadas, quer

localmente quer globalmente, pela humanidade nos dias de hoje e, a partir da escolha aleatória delas, cada participante do grupo tinha o desafio de articular à gravura escolhida com a temática do encontro.

Consciência, Dialogicidade e Formação Humana: Percorso Reflexivo dos Discentes da Pós-Graduação em Educação Brasileira-UFC

Antes de iniciar a apresentação do percurso reflexivo dos discentes, é de suma importância destacar o caráter polissêmico do termo “consciência” presente no pensamento científico pós-moderno; e a tendência do mesmo, em compreender a terminologia de forma unilateral a partir de suas especificidades científicas.

A Medicina, particularmente a Neurologia, compreende que as seguintes características organicistas: de estar acordado, e de apresentar uma capacidade de orientar-se auto e alopsiquicamente seriam adequadas para diagnosticar o estado de consciência de uma pessoa em determinado contexto (DALGALARRONDO,2000).

Na psicologia, especificamente na Psicologia Social (LANE,1994) , o termo consciência é percebido, no sentido de entender que a soma total das experiências de um indivíduo em um determinado momento histórico-cultural, revela sua dimensão subjetiva da atividade psíquica condizente com sua realidade e , portanto, caracteriza o homem com um ser eminentemente em movimento.

Já no campo ético-filosófico, o termo consciência é concebido como a capacidade de tomar ciência dos deveres éticos e assumir as responsabilidades sociais, os direitos e deveres concernentes ao seu contexto societário. Esta consciência seria então o principal atributo do homem responsável e engajado na dinâmica social de determinada cultura (DALGALARRONDO,2000).

Mediando, portanto, essas reflexões, o termo “consciência” surge, a partir de sua origem etimológica como a resultante da junção de dois processos: *cum* (com) e *scio* (conhecer), indicando o conhecimento que é compartilhado com outro e consigo mesmo.

Nas obras de Paulo Freire, como cita Góes (1994), o entendimento da consciência recai sobre o sentido da existência humana,

concebendo-a como a propriedade do psiquismo formada sob determinadas condições da atividade prática e do próprio psiquismo, a partir de ações instrumentais e comunicativas, que permitem ao indivíduo apreender a realidade, através de sua inserção cada vez mais profunda e intencional no mundo, desde a infância e por toda a vida.

O homem é sujeito ativo da realidade histórica em que se insere, enfrentando as adversidades impostas pelas condições sociopolíticas presentes em seu cotidiano, o que favorece e se reflete na luta pela desalienação, pela afirmação e pela tomada de consciência sobre as reais condições de suas penetrações culturais e limitações diante do contexto capitalista neoliberal (FREIRE, 2005).

Desse modo, a análise dos discursos dos discentes da disciplina revelaram, ao meu ver, dois aspectos que são imprescindíveis para a compreensão da amplitude de representações e de “expressões” da consciência.

O primeiro aspecto refere-se a motivação que conduziu os participantes na escolha das gravuras. Neste aspecto, dos 12 participantes do grupo-aprendente, 10 deles revelaram que o motivo das escolhas das gravuras estavam diretamente relacionados com as próprias questões de vida, experienciadas no aqui-agora de suas relações socioafetivas-culturais, como por exemplo, a maternidade, a profissão, o local de origem e de trabalho, o gosto por animais, as lembranças da infância, a cultura do sertão etc.

Estas escolhas refletem a atividade do processo psíquico de expressão da existência humana e de suas significações, baseadas no contexto sócio-histórico e cultural dos participantes, portanto, de uma consciência-de-si integral. As escolhas são contextualizadas e valorizam o ser humano também como ser-de-relação: “*escolhi esta gravura pois tem esta boneca no canto [...] tenho uma filha e as atenções são para ela hoje [...]*” (maternidade); “*escolhi a tartaruga, por que eu adoro este bicho, lembra ancestralidade [...]*” (natureza); “*escolhi esta casinha, uma casinha do sertão lógico, tem a ver comigo [...]*” (cultura).

Assim como as escolhas das gravuras, permitiram ao grupo o resgate de uma dimensão socioafetiva, geralmente não despertada em práticas de ensino tradicionalistas, também impulsionou a

construção de saberes parceiros, a partir de uma relação dialógica, contextualizada e voltada para a expressão da diversidade cultural dos participantes do grupo.

Nesse sentido, a partir da construção de saberes parceiros sobre o tema gerador, foi possível identificar o segundo aspecto relevante desse processo grupal, que denomino de “expressões” da consciência nas relações dialógicas. Essas “expressões” da consciência foram identificadas com base nos discursos, permitindo, portanto, a sistematização das seguintes terminologias referentes às mesmas, são elas:

A expressão da ancestralidade: “A tartaruga representa um animal de grande poder nas tradições ancestrais. A tartaruga representa a consciência da mãe terra, mãe natureza, que nasce, nutre, se desenvolve, se perpetua [...]” (M.F – Gravura da Tartaruga).

Freire (1980), aponta a consciência transitiva como um estado de reconhecimento da consciência histórica. A história não é uma cadeia de épocas, caracterizada pelas necessidades, valores, crenças, aspirações que se perpetuam de geração e geração, ela se faz história à medida que o humano se apropria desses valores, quer ancestrais quer locais, e se reconhece na condição de ser indissociável da natureza e do social.

A tartaruga é o símbolo, para a participante do grupo, dessa relação entre o humano e a natureza, pois é um animal ancestral, reverenciado em inúmeras tradições primitivas como animal de poder e de integração da consciência da “Grande Mãe Terra”.

A expressão existencial de opressão: “[...] no sentido de perceber que a relação (de trabalho) [...] que não é humanizada, é limitada, e muitas vezes é de trabalho escravo [...]” (P. M. Gravura da Produção de Cacau na Bahia).

Ser consciente para o grupo-aprendente é exprimir as insatisfações sociais, principalmente; das relações de trabalho. É desmascarar as intenções das relações de opressão que privam o humano da descoberta de suas possibilidades ou, como nos fala Freire (1996), de “ser-mais”.

A expressão da alteridade: “[...] compreender esse outro a partir da própria lógica do lugar [...] não é uma relação de

imposição, hierarquização, é saber se colocar no lugar do outro[...] a construção dos saberes é parceira.” (J.F. Gravura da Casa de Barro).

Apesar do conceito de alteridade ser expresso nesta fala, é relevante ressaltar que todas as “expressões” da consciência manifestadas no grupo também convergem, como visão ontológica e psicológica, para a importância de valorizar dos saberes do “outro”, de não-imposição de uma lógica cartesiana, colonializante e , principalmente, de opressão dos povos. Este parece se concretizar como um passo favorável para a humanidade no sentido de construir os saberes e as práxis de forma solidária e condizente com as especificidades humanas.

A expressão dos sentidos: “A consciência é lugar de conhecimento significativo , de sentidos de si, do outro, da realidade, dos processos sociais, [...] e até do que não tem sentido [...] é instrumento de uma práxis educativa.” (LT. Gravura do Produção Industrial do Algodão)

Pensar a consciência, é pensar num espaço de significados, representações, sentidos ou, até mesmo, pensar naquilo que aparentemente não tem sentido. Os sentidos refletem as relações sociais, as particularidades da cultura, a história, a existência, as aspirações, enfim o jeito de ser e estar das pessoas enquanto sujeitos históricos e sociais. Neste sentido, a consciência é o ponto chave da ligação entre o humano e o mundo que, ao se integrarem no cotidiano das condições de vida, permite decifrar a emaranhada teia de relações nas quais estávamos imbricados. Se a consciência é um meio de perceber a realidade, ela também é resultante de uma práxis cultural formativa.

A expressão da corporeificação: “A consciência se expressa pelo toque, pelo cheiro, pela fala (grifo meu) etc[...] mas tem uma intencionalidade, ela não é estanque, e é responsável pela mediação entre o mundo e as pessoas [...]” (J. M. Comentário).

A intencionalidade da consciência é destaque nesta expressão, pois a considerada de forma dinâmica e não estanque. Isto é garantido pelo fato de ser portadora da função de mediação entre o mundo e as pessoas. Além disso, ela não se limita, como está

em destaque no discurso, apenas através da linguagem. O toque, os cheiros, os gestos e os gostos – apesar de serem considerados aspectos da ordem sensorial – são também manifestações de uma consciência com sua dinamicidade própria. **A expressão da integralidade:** “(Comentário da gravura)[...] denota o cotidiano que não está separado, a consciência também é integrada, contextualizada [...]” (C.F.)

Esta reflexão nos desperta para o visão de homem integrado ao contexto e, à medida que reflete sobre este contexto cotidiano, ele se compromete, se constrói e se constitui enquanto sujeito indissociável quer do natural, quer do cultural. Assim, Freire (1980) comenta que o homem só chega a esta condição de sujeito por que à medida que se integra nas condições de seu contexto de vida, reflete e leva respostas aos desafios que surgem, portanto, cria cultura.

A expressão da aprendizagem do cotidiano: “[...] a escola despreza a aprendizagem do cotidiano, ela desconhece esses valores das famílias e dos contextos das pessoas.” (M. F. Gravura crianças jogando bola na areia).

Se o homem integra-se ao seu contexto de condições de vida, se é ser que cria e transforma sua cultura, portanto, é na aprendizagem do cotidiano que se faz sujeito, como foi apresentado nesta expressão e cuja singularidade humana é desprezada pelos contextos educativos formais.

A expressão das contradições: “(Falando sobre a gravura) [...] Ela quer ser a mulher da revista, está andando de bike, quer ter uma vida saudável comendo frutas, mas se espelha na mulher magra da revista por ser o padrão social de beleza [...] Isso é contraditório!!! Nós somos esta contradição.” (S.P. Gravura de uma Mulher Obesa andando de Bike).

Assim, o grupo nos alerta para a vocação do homem de ser sujeito do conhecimento e não um mero objeto. Cada homem está situado no tempo e no espaço, vivendo num contexto social e cultural preciso e, tomando conhecimento destas implicações, da relação opressor-oprimido e das contradições da vida concreta, o homem se liberta e, portanto, se conscientiza do seu papel de instigar e transformar a realidade social.

Quando se enfrenta a díade opressor-oprimido, Freire (1980), nos fala que o oprimido, ao perceber as contradições da realidade, automaticamente, se percebe implicado nesses processos e, ao refletir, se conscientiza da sua vocação ontológica e política.

A expressão da afetiva: “(Falando sobre a gravura) [...] percebo na gravura o despertar de uma consciência afetiva, novas perspectivas para os que viram, percebo por meio da interação dos ursos.” (M.S.Gravura de Ursos – Expressão da Afetividade).

A interação nesta “expressão” da consciência é o mote reflexivo que nos instiga a valorização da dimensão afetiva presente nos processos de interligação do humano com o social, ou seja, como nos fala Figueiredo apud Maturana (2007), o social tem sua origem no emocional, na necessidade básica do homem de se reconhecer a partir da aceitação do outro como legítimo outro, o que permitirá, com a convivência solidária, o alargamento de percepções, de fronteiras que ampliam e diversificam as leituras de mundo e nos alerta para a valorização das diferenças.

A expressão poética:

“O Brasil fala por si.

A poesia lhe dá ouvidos.

Quem cala não sente.

Minha gente conjuga ser mais no plural .

As línguas nossas colhem o mel e o sal.

Inflama, quem clama; seduz quem sussurra,[...]”

(Trecho do poema: O Brasil Tem Muitas Línguas ,
por Henrique Beltrão).

A expressão poética é um dos instrumentos da oralidade que melhor define a valorização da dimensão afetiva, das diferentes leituras de mundo e da expressão integrada do ser social, afetivo, político e cultural. Essas dimensões não estão separadas, não são dicotomizadas e retratam a consciência do humano situado no contexto real, concreto, de existência opressora, repleta de contradições, de sentidos que clamam por transformações das condições precárias de vida.

As falas dos participantes do grupo-aprendente desvelam que a consciência, a partir de suas “expressões”, não é estanque, não se

restringe a níveis ou estágios progressivos, assim como não se limita a um determinado aspecto ou contexto. A consciência é dinâmica, integral, inconclusa e manifesta suas interações de diferentes formas e com base em diferentes contextos socioafetivo-culturais.

A consciência está em formação, é multifacetada e é portadora de sentidos e significados que atribuem ao ser a condição de ser-mais. A consciência, portanto, se expressa no aqui-agora, com sua dinâmica própria, resultante do contexto cotidiano de relações plurais, interatuantes, que compõem o campo de experiência, e funciona como referência para mediar as relações do humano com o seu entorno natural e social.

Para finalizar, esta experiência de reflexão e debate coletivo, a partir de um círculo de cultura entre os discentes sobre o tema gerador “Consciência, Dialogicidade e Formação Humana”, oportunizou o exercício dialógico entre as pessoas, a construção de saberes parceiros sobre a temática e, principalmente, permitiu uma formação humana consciente e condizente com os significados e sentidos das leituras de mundo expostas nas falas, nos exemplos de vida e na consciência coletiva do grupo.

Referências Bibliográficas

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIGUEIREDO, João Batista. *Educação ambiental dialógica: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina*. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

GÓIS, Cezar Wagner. *Noções de psicologia comunitária*. Fortaleza: Edições UFC, 1993.

LANE, Silvia. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: _____. *Psicologia Social, o homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.